P A L A E O H I S P A N I C A
revista sobre lenguas y culturas de la Hispania antigua

2021 | I.S.S.N. 1578-5386
DOI: 10.36707/palaeohispanica.v21i0.402

Reflexões sobre escrita, identidade(s) e memória(s) na I Idade do Ferro do Sul de Portugal

Thoughts on writing, identity and memory in the Early Iron Age of Southern Portugal

Francisco B. Gomes
Universidade de Lisboa
franciscojbgomes@gmail.com

Resumo: A análise do rico e diversificado registo funerário da I Idade do Ferro do Sul de Portugal permite entrever o desenvolvimento durante este período de uma variedade de estratégias de identidade e representação, assentes em combinações variáveis e dinâmicas de elementos locais e forâneos. A adopção da escrita, e especialmente os usos particulares e diferenciados que lhe foram dados nalgumas áreas do Sul português, podem entender-se no quadro dessas estratégias, ilustrando a forma como determinados elementos forâneos foram adaptados no contexto de práticas e discursos de âmbito eminentemente local. Nesse contexto, a prática da epigrafia lapidar, virtualmente ausente noutras áreas do Sudoeste, pode entender-se no contexto de processos particulares de (re)construção da memória colectiva.

Palavras-chave: I Idade do Ferro,Alentejo, Algarve, práticas funerárias, Escrita do Sudoeste, identidade, memória colectiva.

Abstract: The analysis of the rich and diverse funerary record of the southern Portuguese Early Iron Age highlights the development during this period of a variety of identity and representation strategies, based on variable and dynamic combinations of local and exotic elements. The adoption of writing, and in particular the specific and differentiated uses it was given in some areas of southern Portugal, may be understood in the framework of said strategies, and it illustrates the ways in which exogenous elements were adapted to local practices and discourses. In this context, the production of lapidary inscriptions, which are rarely found in other areas of southwestern Iberia, can be interpreted as part of particular processes of (re) construction of collective memory.

Key words: Early Iron Age; Alentejo; Algarve; funerary practices; Southwestern script; identity; collective memory.

Recepción: 13.07.2020 | **Aceptación:** 03.03.2021

CC BY NC SA

1. Sob o signo da diversidade: a I Idade do Ferro no Sul de Portugal (sécs. VIII/VII - V a.n.e.) à luz do registo funerário

O presente contributo corresponde a uma intervenção apresentada no decurso do XIII Colóquio sobre Línguas e Culturas Paleohispânicas, em Loulé, durante a qual, respondendo ao amável convite dos organizadores, tive oportunidade de expor uma reflexão sobre a diversidade e complexidade da I Idade do Ferro no Sul de Portugal, que serviu por seu turno como pano de fundo para algumas considerações sobre a epigrafia da I Idade do Ferro dessa região e sobre o seu contexto cultural e ideológico.

Como é sabido, e apesar da longa história da investigação sobre a chamada Escrita do Sudoeste e as suas manifestações epigráficas no Sul de Portugal, que remonta ao século XVIII e à acção de Frei Manuel do Cenáculo e do seu círculo (*cf*. Guerra 2018; *v*. tb. Gomes 2018a), a análise do seu contexto arqueológico e, por extensão, social, cultural e, em última análise, histórico, só daria os seus primeiros passos em datas significativamente mais recentes.

Em certa medida, pode afirmar-se que os inícios dessa análise acompanham a institucionalização da Arqueologia como disciplina científica na segunda metade do século XIX, tendo os primeiros dados minimamente sólidos sobre esta questão sido recolhidos no contexto dos trabalhos pioneiros desenvolvidos por Sebastião Estácio da Veiga no âmbito do projecto da sua *Carta Archaeologica do Algarve* (Veiga 2005 [1891]; *cf*. tb. Guerra 2007; Fabião 2019).

Apesar disso, parece consensual que o verdadeiro ímpeto que conduziu à identificação e caracterização do contexto histórico-arqueológico dos monumentos epigráficos em Escrita do Sudoeste abundantemente concentrados no Sul de Portugal só chegaria bastante mais tarde, na segunda metade do século XX, com os intensos trabalhos de Caetano de Mello Beirão e da sua equipa na região de Ourique e na sua envolvente (*cf*. Gomes 2018b; *v*. tb. *infra*).

No entanto, o panorama que hoje conhecemos para a I Idade do Ferro do Sul de Portugal seria praticamente irreconhecível para aquele investigador. O desenvolvimento de novos projectos de investigação e, sobretudo, os trabalhos relacionados com a minimização de impactos de grandes empreendimentos como o da barragem do Alqueva e do respectivo sistema de irrigação (Mataloto 2004a; 2005; 2007; 2008; 2009; Calado, Mataloto e Rocha 2007; Calado e Mataloto 2008; Albergaria e Melro 2013; Jiménez Ávila 2017) incrementaram de forma substancial a base de dados disponível para o estudo deste período,

revelando realidades até há bem pouco tempo insuspeitadas e gerando uma imagem de complexidade e diversidade que merece ser assinalada.

Essa complexidade é particularmente observável ao nível das práticas e soluções funerárias documentadas no Sul português (Gomes 2016; *v*. tb. Gomes 2015a; Mataloto 2016) (fig. 1), que, no estado actual dos nossos conhecimentos, constituem o reflexo mais expressivo da diversidade de soluções sociais, políticas e culturais desenvolvidas pelos vários grupos que ocuparam esta região na sequência da profunda restruturação que marcou a transição do Bronze Final para a Idade do Ferro (Gomes 2015b).

Assim, e por um lado, pode observar-se uma clara assimetria entre as áreas litorais (ou facilmente acessíveis por via fluvial) e as regiões mais interiores. Nas primeiras, e particularmente no estuário dos grandes rios, os escassos dados disponíveis — em particular os respeitantes às necrópoles de Tavira (Arruda, Covaneiro e Cavaco 2008; *v*. tb. Maia 2003), de Mértola (Barros 2008; Miguel *et al*. 2019) e de Alcácer do Sal (*v*. Gomes 2016; 2016-2017), secundados pelo dado indirecto fornecido pela recentemente identificada estela funerária fenícia de Lisboa (Neto *et al*. 2016) (fig. 1, nn.1-4) — evidenciam os intensos contactos das comunidades locais com as populações orientais instaladas desde inícios do I milénio a.n.e. no Extremo Ocidente (Arruda 1999-2000; 2005a) e a introdução de soluções funerárias alinhadas com as de outras comunidades integradas no horizonte dito "orientalizante" do Sul peninsular (Torres Ortiz 1999).

Nas regiões sub-litorais e, sobretudo, nas do interior, o panorama é bastante mais diversificado, permitindo a delimitação tentativa de agrupamentos regionais com identidade própria dentro do panorama global da I Idade do Ferro regional. Em traços gerais, podemos com efeito observar quatro grandes grupos de manifestações funerárias.

Um primeiro grupo engloba um conjunto de necrópoles formadas por deposições em cistas de arquitectura simples (fig. 1, A), uma modalidade funerária conhecida desde finais do século XIX graças aos trabalhos pioneiros de Sebastião Estácio da Veiga e de António Santos Rocha na Fonte Velha de Bensafrim, em Lagos (Veiga 2005 [1891], 250-255; Rocha 1975 [1896]).

Apesar dessa precoce identificação, este grupo de necrópoles, que inclui também os conjuntos de Cômoros da Portela, em Silves (Veiga 2005 [1891], 285-286), de Corte de Père Jacques, em Aljezur (Viana, Formosinho e Ferreira 1953, 4-5), de Gregórios, em Silves (Barros *et al*. 2005), do Cabeço da Vaca,

em Alcoutim (Cardoso e Gradim 2006; 2008a), da Herdade do Gaio, em Sines (Costa 1967; 1972), de Corte Margarida, em Aljustrel (Deus e Correia 2005), e de Vale da Palha, em Sesimbra (Arruda e Cardoso 2015), continua a ser um dos horizontes funerários menos bem caracterizados da região em apreço.

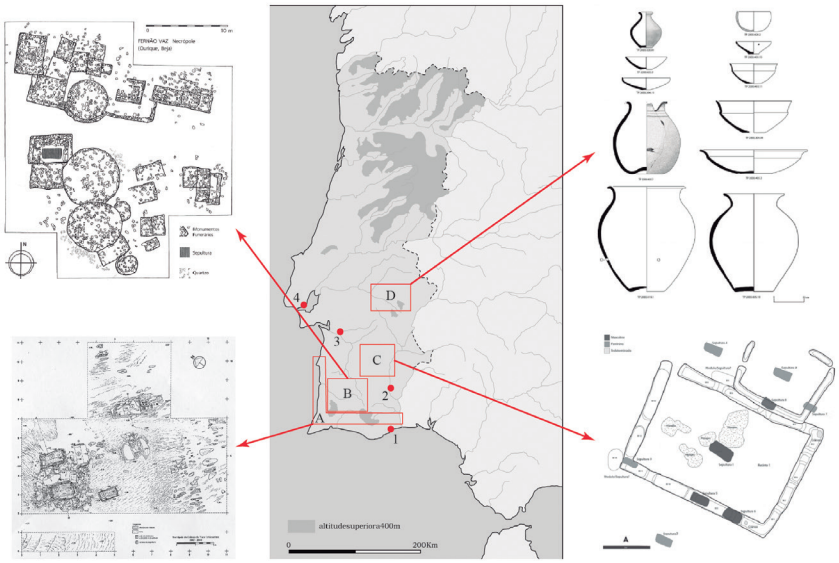

Fig. 1. Mundo funerário da I Idade do Ferro do Sul de Portugal: Necrópoles "orientalizantes" — 1. Tavira; 2. Mértola; 3. Alcácer do Sal; 4. Lisboa (lápide funerária); Áreas de distribuição dos principais grupos funerários — A. Necrópoles de cistas (ex.: Cabeço da Vaca, Alcoutim — seg. Cardoso e Gradim 2006); B. Necrópoles tumulares (ex.: Fernão Vaz, Ourique — seg. Correia 2007); C. Necrópoles de recintos (ex.: Quinta do Estácio 6, Beja — seg. Pereiro, Mataloto e Borges 2017); D. Necrópoles de incineração do Alentejo Central (ex.: Torre de Palma, Monforte — seg. Langley, Mataloto e Boaventura 2008).

Com efeito, a sua dispersão geográfica, ampla mas descontínua, o desconhecimento da malha de povoamento correspondente e a falta de conjuntos escavados em extensão limita significativamente a caracterização deste grupo funerário. Apesar disso, caberia recordar que estas necrópoles, aparentemente rurais, apresentam uma assinalável uniformidade ao nível do ritual funerário, albergando exclusivamente inumações, mas também da cultura material, onde, em número e grau diverso, é certo, se aprecia uma importante concentração de elementos exógenos e de prestígio, com destaque para os elementos de colar em matérias-primas exóticas (*v*. bibliografia específica *supra*). Os dados disponíveis permitem ainda pensar que o uso destas necrópoles se en-

contra balizado num intervalo também relativamente homogéneo, entre os séculos VI e V a.n.e.

Um segundo grupo engloba um número avultado de necrópoles caracterizadas pela presença de superestruturas tumulares pétreas, que se concentram numa área muito concreta do Baixo Alentejo centrada na região de Ourique (fig. 1, B) e que deve a sua identificação e caracterização aos esforços pioneiros de Caetano de Mello Beirão e da sua equipa, que a partir dos inícios dos anos 1970 exploraram um número significativo de conjuntos funerários, compilando dados que continuam a servir de base, até ao presente, para novas leituras e interpretações (*v*. esp. Dias, Beirão e Coelho 1970; Dias e Coelho 1971; 1983; Beirão, Gomes e Monteiro 1979; Beirão e Gomes 1980; Beirão 1986; 1990; Correia 1993; 2007; *v*. sínteses críticas dos resultados destes trabalhos em Arruda 2001; Jiménez Ávila 2002-2003; Gomes 2016, 425-463).

Apesar dos muitos problemas de leitura que apresentam, devidos, em muitos casos, a fenómenos pós-deposicionais que afectaram a integridade dos depósitos funerários, pode afirmar-se que o panorama patente nestas necrópoles é distinto do das suas congéneres do grupo anterior. Desde logo, ao nível do ritual, tem-se considerado que a inumação e a incineração coexistiram nestes conjuntos funerários ao longo de toda a sua diacronia (Beirão 1986, 49; Correia 1993, 355-356; Arruda 2001, 269-270), embora a maioria dos dados positivos exumados nos mesmos diga exclusivamente respeito à prática da incineração (Jiménez Ávila 2002-2003, 90-91; Vilhena 2008, 389-391; Gomes 2016, 452).

Por outro lado, e no que à cultura material diz respeito, nota-se a nível geral uma maior austeridade dos espólios funerários — sem prejuízo da existência de alguns conjuntos excepcionais de elementos importados e/ou de prestígio (*v*., p. ex., Beirão 1986, 71; 1990, 687) — e um maior arraigamento das tradições locais/regionais precedentes. Cronologicamente, as altas datações propostas para este grupo funerário por Caetano de Mello Beirão 1986, 147, e Vergílio Correia 1993, parecem hoje difíceis de sustentar, podendo o desenvolvimento das necrópoles tumulares baixo-alentejanas situar-se com maior segurança entre os finais do século VII e os finais do V ou mesmo os inícios do IV a.n.e. (Arruda 2001, 269-270; Gomes 2016, 429-454).

A estes dois grupos, conhecidos há mais tempo e por isso mesmo mais discutidos e analisados, os recentes trabalhos decorrentes da instalação do sistema de irrigação do Alqueva vieram acrescentar o das necrópoles que poderíamos tentativamente designar como "de recintos", devido à presença na

esmagadora maioria dos casos documentados de estruturas negativas escavadas na rocha em torno a algumas sepulturas delimitando aparentes recintos funerários (fig. 1, C).

A importância até há pouco tempo insuspeitada deste grupo funerário encontra-se bem demonstrada pelas mais de duas dezenas de necrópoles já identificadas e escavadas numa área centrada nos concelhos de Beja, Vidigueira e Ferreira do Alentejo (*v*. Santos *et al.* 2009; 2017; Salvador Mateos e Pereira 2012; 2017; Arruda *et al*. 2017a; 2017b; Soares *et al*. 2017; Figueiredo e Mataloto 2017; Pereiro, Mataloto e Borges 2017; Calvo Rodríguez e Simão 2017; Bargão e Fernandes 2017), número que tende a crescer regularmente.

Estas necrópoles apresentam além disso uma notável coerência ao nível das arquitecturas, do ritual — na esmagadora maioria dos casos, de inumação —, mas também da cultura material, que se destaca no panorama regional pela sua abundância e riqueza, evidenciada pela importante presença de elementos importados mas também de objectos de adorno em metais preciosos, e de materiais iconográficos notáveis (Arruda 2016a; 2016b), que convivem com outras manifestações, nomeadamente ao nível do repertório cerâmico, que expressam o claro enraizamento local das comunidades que aqui depuseram os seus mortos (*v*. bibliografia específica *supra*).

É também interessante notar que estas necrópoles de recintos parecem ter uma vida mais curta que as dos grupos anteriormente mencionados, centrando-se o grosso da sua utilização fundamentalmente no século VI a.n.e., com perdurações muito pontuais nos inícios da centúria seguinte.

Finalmente, não pode deixar de citar-se um outro conjunto diferenciado de manifestações funerárias documentadas já no território do Alentejo Central (fig. 1, D). A necrópole de Torre de Palma, em Monforte (Langley *et al.* 2007; Mataloto, Langley e Boaventura 2008), infelizmente mal conhecida devido à data precoce e às condições da sua escavação, e a do Monte da Tera, em Mora (Mataloto 2010-2011), exemplarmente escavada em datas mais recentes, configuram um horizonte funerário tipicamente centro-alentejano caracterizado pelo predomínio da cremação com deposição secundária dos restos em urna.

Este ritual funerário, bem como uma parte significativa da cultura material que lhe está associada, permite entrever umas relações estreitas entre esta região e a Extremadura espanhola, sendo particularmente notáveis as similitudes com os horizontes mais tardios da necrópole pacense de Medellín

(Almagro-Gorbea 2008a; 2008b). Outros elementos, contudo, remetem uma vez mais para o fundo local/regional, destacando-se a interessantíssima cobertura tumular da necrópole da Tera, evocativa das arquitecturas megalíticas regionais (Mataloto 2010-2011, 92-93; 2017). Cronologicamente, o desenvolvimento destas necrópoles parece centrar-se, também ele, no século VI, com eventuais prolongamentos na primeira metade do V a.n.e.

Esta panorâmica, necessariamente rápida e sumária, ilustra bem a crescente complexidade e diversidade do registo funerário — e, mais latamente, do registo arqueológico — da I Idade do Ferro do Sul de Portugal, registo esse que não consente leituras monolíticas e homogeneizantes, exigindo pelo contrário modelos interpretativos capazes de reconhecer, valorizar e explorar a diversidade das situações documentadas.

2. Escrita, identidade e representação: a epigrafia sidérica do Sul português na encruzilhada entre o 'global' e o 'local'

> "*In order to understand the global, we need to embrace the local and examine how it related to the global*"
> Díaz-Guardamino *et al.* 2019, 72

Embora seja ainda difícil restituir os processos e as dinâmicas subjacentes à diversidade regional comentada no apartado precedente, a hipótese mais plausível passa por interpretá-la como um reflexo das condições específicas geradas pela desagregação das redes sociopolíticas regionais do final da Idade do Bronze (Gomes 2015b).

Com efeito, o início da frequentação do actual território nacional por parte de populações de origem oriental (Arruda 2005b) parece ter desestabilizado os equilíbrios que sustentavam essas redes, levando à integração das comunidades costeiras — e em particular das que ocupam os estuários dos principais rios — numa ampla *koiné* dita "orientalizante" (Arruda 1999-2000; 2005a).

As comunidades interiores, em contrapartida passaram por um processo aparentemente traumático de colapso e reestruturação (Gomes 2015b; *v.* tb. Mataloto 2004b; Berrocal-Rangel e Silva 2010) que deu origem, a partir dos finais do século VII e, sobretudo, do VI a.n.e. a uma situação radicalmente distinta, marcada por um povoamento disperso, atomizado, essencialmente rural, que se intui ter-se organizado em redes microrregionais de natureza

heterárquica (Arruda 2001; Mataloto 2004a; 2007; Calado, Mataloto e Rocha 2007; Calado e Mataloto 2008; Antunes *et al*. 2017).

Num novo quadro sociopolítico marcado por uma crescente integração do território português em redes de âmbito macro- e transrregional, as soluções culturais específicas desenvolvidas por cada grupo de comunidades, nas quais se interpenetram de forma variável elementos endógenos e exógenos, parecem reflectir a sua posição, real ou percebida, nessas novas redes, as fórmulas de representação que adoptam em face dos demais agentes e comunidades que nelas participam e as estratégias de afirmação da sua identidade particular dentro de um sistema que em boa medida as transcende (Gomes 2016, 493-499).

O cariz necessariamente relacional destas fórmulas e estratégias de representação e identidade[1] explica, por outro lado, a existência de muitos elementos transversais partilhados por estas várias comunidades, que adoptam determinados elementos de origem ou inspiração forânea como recursos discursivos para a construção de uma linguagem mutuamente inteligível por via da qual projectar o seu sentido de identidade, afirmando ao mesmo tempo de forma estratégica aquele que entendem ser o seu papel nos novos equilíbrios regionais (para uma discussão sobre as interacções e tensões entre o "local" e o "global" na construção de identidades no Mediterrâneo antigo, v. Hodos 2010, 23-27).

Deve por outro lado notar-se que, à luz dos dados do registo funerário e da cultura material nele documentada, esses discursos de identidade e representação não se esgotam em lógicas combinatórias assentes numa simples dicotomia entre elementos próprios da tradição local e elementos forâneos, entre o indígena e o exógeno. Pelo contrário, é possível observar nuances significativas que sugerem que esses discursos operam e se projectam em distintas escalas, marcando a posição de cada comunidade em distintas esferas de integração de ordem microrregional, macrorregional e transrregional (Gomes 2016, 493-499).

1 Neste contexto, o conceito de identidade pretende designar um processo essencialmente dialéctico e relacional, abarcando uma trama de elementos significantes — de que caberia destacar, neste contexto, a cultura material e as práticas, quotidianas ou excepcionais, que esta materializa — que permitem a cada comunidade estabelecer um sentimento interno de pertença e coesão e, simultaneamente, uma diferenciação em relação às outras comunidades que integram a complexa rede sociopolítica macrorregional.

A escrita, e em particular os hábitos epigráficos que parecem característicos de uma parte das comunidades da I Idade do Ferro do Sul de Portugal, podem também ser entendidos neste contexto. Com efeito, parece inegável que, na sua origem, a própria tecnologia da escrita e os modelos seguidos no desenvolvimento (directo ou indirecto) do signário do Sudoeste têm uma origem forânea, mediterrânea, integrando-se no pacote de inovações tecnológicas, sociais e culturais que conforma o chamado fenómeno "orientalizante" (de Hoz 2005; *cf*. tb. Valério 2016, 143, *passim*).

No entanto, e se a esse nível a prática da escrita em si mesma se inscreve numa esfera de interacções macro- e transrregionais, haveria contudo que atender também aos processos que conduziram à sua adopção e adaptação em cada contexto específico dentro do diverso mosaico sociopolítico regional. Infelizmente, e devido às limitações da própria documentação, esses processos continuam a ser mal conhecidos, mas pode pelo menos observar-se uma diferenciação ao nível dos usos locais da escrita, bem ilustrado pela incidência diferenciada do material epigráfico no âmbito geográfico do Sudoeste peninsular.

Essa incidência diferenciada foi já assinalada em diversas ocasiões a uma escala relativamente ampla, abrangendo a totalidade do Sudoeste peninsular. Tem-se notado, em particular, a clara assimetria entre o autêntico "território epigráfico" do Sul português, onde se concentra a larga maioria das inscrições lapidares em Escrita do Sudoeste, e o quase vazio epigráfico de áreas como a Baixa Andaluzia ou a Extremadura (*v*., p. ex., de Hoz 2010, 478-480; Brandherm 2016, 204-205).

Essa assimetria tem-se considerado particularmente peculiar, na medida em que a pujança do horizonte cultural "orientalizante" nestas últimas áreas levaria *a priori* a esperar uma adopção mais precoce e uma maior difusão da escrita nestas regiões. Existem, com efeito, certas evidências mais ou menos indirectas que sugerem que esse terá sido efectivamente o caso (de Hoz 2010, 517-522), mas a visibilidade arqueológica da escrita durante a I Idade do Ferro destas áreas permanece muito limitada.

No entanto, o desenvolvimento da investigação arqueológica sobre as fases iniciais da Idade do Ferro no Sul de Portugal permite hoje observar com clareza que essa assimetria se observa também a uma escala mais reduzida.

Com efeito, olhando para os territórios litorais onde mais claramente se observa um desenvolvimento alinhado com o horizonte cultural "orientali-

zante" das áreas antes mencionadas, a epigrafia lapidar em Escrita do Sudoeste está também virtualmente ausente.

Por outro lado, e no que ao interior diz respeito, é bem sabido que as inscrições lapidares em Escrita do Sudoeste são frequentes nas necrópoles tumulares e de cistas, e bem assim nos territórios das comunidades que ali depuseram os seus mortos. Pelo contrário, e apesar das já abundantes escavações realizadas, as necrópoles "de recintos" da área de Beja (Santos *et al.* 2009; 2017; Salvador Mateos e Pereira 2012; 2017; Arruda *et al*. 2017a; 2017b; Soares *et al*. 2017; Figueiredo e Mataloto 2017; Pereiro, Mataloto e Borges 2017; Calvo Rodríguez e Simão 2017; Bargão e Fernandes 2017) não ofereceram até ao momento qualquer exemplo de material inscrito de qualquer natureza, situação que é de resto extensível às necrópoles de incineração do Alentejo Central (Langley *et al.* 2007; Mataloto, Langley e Boaventura 2008; Mataloto 2010-2011).

Naturalmente, é possível pensar que estas assimetrias se devem sobretudo a fenómenos de conservação diferencial, mas esta, a ter ocorrido, resultará com toda a probabilidade da real existência de usos, hábitos e suportes epigráficos também eles diferenciados. A evidência proporcionada pelos grafitos sobre cerâmica e outros suportes parece certamente sustentar essa hipótese (de Hoz 2010: 361-368; *v*. tb. Beirão e Gomes 1985; Almagro-Gorbea 2004; Correa 2011; Guerra 2013: 329-333).

Neste contexto, pode igualmente mencionar-se um outro dado sugestivo, ainda que todavia aberto a discussão. Recentemente, no contexto da publicação do excepcional contexto funerário malaguenho conhecido como "Tumba del Guerrero", foram dadas a conhecer duas peças de prata (Nuñez Pariente de León 2018) que apresentam evidentes analogias formais com uma série de outras peças, principalmente de bronze, recolhidas em múltiplos contextos arqueológicos da Idade do Ferro do Sudoeste peninsular, e habitualmente interpretadas como dobradiças de elementos de mobiliário, particularmente banquetas funerárias de tipo *diphros* (Jiménez Ávila 2008; Gomes 2016, 301-303).

O interesse para a presente discussão da publicação das citadas peças malaguenhas reside na interpretação funcional alternativa que lhes foi outorgada, segundo a qual constituiriam *umbilici* destinados a rematar e facilitar o armazenamento e transporte de um suporte de escrita perecível (rolo de papiro ou de pele), hipótese referendada pela análise laboratorial de resíduos aderidos (Nuñez Pariente de León 2018, 232-233).

Naturalmente, e como bem reconhece a autora do estudo destas peças (*idem*, 236), esta interpretação funcional não pode estender-se de forma automática às demais peças análogas antes mencionadas, que apresentam de resto uma certa variabilidade formal e material. Parece com efeito claro que muitos destes elementos deverão efectivamente ter integrado elementos de mobiliário, mas a leitura funcional das peças da "Tumba del Guerrero" levanta pelo menos a possibilidade de que parte dos elementos documentados no Sudoeste peninsular tenham servido uma função como *umbilici*.

Esta hipótese, que naturalmente deve encarar-se com todas as necessárias cautelas, é contudo, no mínimo, sugestiva, tanto mais que numa visão panorâmica parece notar-se que a distribuição destes elementos no registo arqueológico e a das inscrições lapidares em Escrita do Sudoeste são mutuamente exclusivas, havendo um único caso claro — o da necrópole de Medellín, em Badajoz — em que convivem inscrições sobre suportes pétreos (Almagro-Gorbea 2004) e peças do tipo em apreço (Jiménez Ávila 2008).

Assim, e mesmo tendo em mente as reservas suscitadas pela citada reinterpretação das peças antes comentadas, as mesmas poderiam, pelo menos em parte, constituir indícios adicionais de uma prática relativamente difundida da escrita sobre suportes perecíveis nos ambientes "orientalizantes" peninsulares, já intuída em algumas ocasiões (p. ex., de Hoz 2010, 478-480), situação que estaria em linha com a que se pode reconstituir para os ambientes propriamente fenícios do sudoeste peninsular (Zamora López 2004; 2019; Gener Basallote *et al*. 2012). Essa prática contrastaria com a tradição epigráfica de parte do território meridional português, evidenciando assim mais um elemento diferenciador das comunidades que a desenvolveram e levaram à prática.

Em face do exposto, e independentemente da sua origem, que remete para contactos a larga distância e para uma esfera de interacção transregional, estas e outras evidências sugerem de forma clara que a adopção e adaptação da escrita ou, pelo menos, os usos específicos dessa mesma escrita assumem um carácter essencialmente local (de Hoz 2010, 480; Valério 2016, 143), variando em função das lógicas combinatórias de geometria variável que decorrem das estratégias de representação e identidade anteriormente referidas.

A escrita ocupa assim uma posição muito particular dentro dessas estratégias, na medida em que pode afirmar-se que, ao contrário de outros elementos que remetem de forma mais ou menos clara para uma esfera de integração específica, a escrita e, em particular, a produção epigráfica intersectam as três

esferas a que antes se aludiu (local/micro-regional, macro-regional ou trans--regional).

Com efeito, o conceito e os protótipos da Escrita do Sudoeste são claramente transrregionais, sendo contudo reformulados e adaptados num âmbito macrorregional alargado, o do Sudoeste Peninsular (de Hoz 2005; 2010: 517-522), dando origem a um (ou mais) novo(s) sistema(s) de escrita. Os usos que foram dados a esse sistema de escrita em determinadas áreas do Baixo Alentejo e do Algarve parecem em contrapartida responder a particularismos locais ou micro-regionais, podendo mesmo entroncar noutras práticas de fundo local, como veremos. A escrita constitui assim, nestes âmbitos regionais, um exemplo da interpenetração e interdependência das várias esferas de interacção e escalas de integração anteriormente referidas.

3. (Re)escrever a História: a escrita e a construção da(s) memória(s) colectiva(s) na I Idade do Ferro do Sul de Portugal

Em face do exposto no apartado precedente, parece importante considerar neste contexto os possíveis contextos que levaram ao desenvolvimento dos particulares usos da escrita documentados em parte do território meridional português. Dentro das várias lógicas e estratégias empregues na construção dos discursos de identidade e representação anteriormente expostas, esta questão conduz-nos inexoravelmente à análise de um aspecto muito concreto: o da construção e manipulação da memória e de narrativas específicas sobre o passado por parte das comunidades do interior alentejano.

Neste contexto, caberia recordar que, apesar do seu evidente domínio da escrita e dos textos — curtos e muito tipificados, é certo (de Hoz 2010, 480; Correia 2014, 82-83) — que nos legaram, essas comunidades foram firmemente qualificadas como proto-históricas pelo menos desde os trabalhos de Caetano Beirão, 1986. Nos últimos anos, contudo, um crescente número de críticas aos conceitos de Pré- e Proto-História (*v*. Mrozowski e Schmidt 2013) têm vindo a demonstrar a inoperância destas divisões, que se sustentam numa visão hierárquica das culturas e dos distintos modos de expressão que as mesmas utilizam para transmitir a sua memória colectiva (*sensu* Halbwachs 1968 [1950]) e para construir narrativas sobre o seu passado e a sua história (Gomes e Arruda 2019, com bibliografia).

Outros trabalhos, no quadro daquilo que poderíamos designar como a "Arqueologia da Memória" (Gosden e Lock 1998; Bradley 2002; van Dyke e

Alcock 2003; Georgiadis e Gallou 2009; Borić 2010; Golosetti 2019; Souvatzi, Baysal e Baysal 2019), confirmam com efeito que, longe de se situarem fora da história, as comunidades da Pré- e Proto-História usaram com frequência outros meios para veicular uma visão sobre o seu passado, para preservar uma memória partilhada e para construir sobre esta narrativas de natureza histórica.

No que ao objecto do presente estudo diz respeito, existem também boas razões para afirmar que as comunidades da I Idade do Ferro do interior Sul português prestaram, também elas, uma considerável atenção ao passado, utilizando diversos meios, em particular meios materiais, para desenvolver estratégias concretas de construção e projecção de uma memória colectiva e de uma narrativa histórica passível de as enraizar e ao seu novo modelo sociopolítico num passado real ou imaginado (Gomes e Arruda 2019; *cf*. tb. Mataloto 2017), função particularmente importante num momento de transformação acelerada como aquele que aqui nos ocupa.

Neste contexto, podem referir-se aqui os exemplos, infelizmente nem sempre bem conhecidos, de reutilização ou apropriação de monumentos megalíticos do Neolítico e Calcolítico, de que se conhecem diversos exemplos enquadráveis na I Idade do Ferro (Mataloto 2010-2011: 93-95; 2017; Gomes 2016, 475-481; Costela Muñoz 2017; v. tb. García Sanjuán 2005).

Estes contextos mereceriam uma revisão sistemática e aprofundada que permitisse clarificar as dinâmicas específicas de reutilização/ apropriação de cada um deles, mas mesmo numa apreciação geral podemos afirmar que a frequentação destes antigos monumentos, certamente marcadores destacados na paisagem, reflecte um interesse num passado ancestral que as comunidades regionais pretenderam de alguma forma conectar e conotar com a sua história e, em última análise, com o seu presente.

No entanto, o reflexo mais eloquente do interesse destas comunidades pelo passado observa-se na mais que provável apropriação e reelaboração de soluções e arquitecturas funerárias próprias do Bronze Pleno, que serviram nalgumas áreas como modelo mais ou menos directo às suas congéneres da Idade do Ferro.

Existe, com efeito, uma notável coincidência espacial entre a área de distribuição das necrópoles de cistas do Bronze Pleno, com ampla difusão nas áreas do Algarve (Viana, Ferreira e Formosinho 1949; Gomes *et al*. 1986; 2002; Gomes 1994; 2015; Cardoso e Gradim 2008b) e do litoral alentejano

(Santos, Soares e Silva 1975; Silva e Soares 1979; 1981, 141-180; 2009), e as suas congéneres da I Idade do Ferro (*cf. supra*), período em que a mesma solução funerária ressurge em sítios muitas vezes situados em áreas próximas das necrópoles mais antigas.

Ainda mais expressiva é a relação, tanto espacial como formal, entre as necrópoles tumulares da região de Ourique e as necrópoles de tipo "Atalaia", características do Bronze Pleno da mesma região (Schubart 1965; 1975; Lago 1995; Vilhena e Alves 2008), que têm sido amplamente reconhecidas como modelo das suas congéneres sidéricas (Correia 1993; 2014: 77; Jiménez Ávila 2002-2003: 94; ultimamente, Brandherm 2016: 192).

Esta coincidência espacial, bem como a homologia formal, especialmente no caso das necrópoles tumulares, sugere fortemente que as arquitecturas funerárias do Bronze Pleno, disponíveis como referentes dispersos pela paisagem, foram apropriadas e adaptadas nos inícios da Idade do Ferro, depois de um hiato mais ou menos longo durante o Bronze Final (*cf.* Belén, Escacena e Bozzino 1991; Vilaça e Cruz 1999; Vilaça 2014). Quiçá a escolha destes monumentos do Bronze Pleno como referente não seja inocente, correspondendo antes a uma tentativa de elidir a memória do Bronze Final e do seu modelo sociopolítico, cujo fim traumático (*cf.* discussão em Gomes 2015b) ditou o surgimento das novas soluções sociopolíticas características do início da Idade do Ferro.

Mais a Norte, nas necrópoles da área de Beja e nas do Alentejo Central, as estratégias parecem ter sido outras, mas a busca de um enraizamento no passado está igualmente bem documentada, particularmente no caso da necrópole da Tera, onde se destacam a associação a um conjunto de menires (Rocha 2000; 2003a; 2003b; Mataloto 2010-2011, 86; 2017, fig. 2) e, sobretudo, a cobertura tumular *sui generis* que, como bem indica o seu escavador, parece inspirar-se nas dos abundantes monumentos megalíticos regionais (Mataloto 2010-2011, 92-93; 2017).

Quanto às necrópoles de recintos da região de Beja, cujas arquitecturas se revestem de um carácter mais inovador com respeito aos contextos funerários de épocas mais antigas documentados na região, compartem ainda assim com aqueles, nomeadamente com os abundantes hipogeus do Bronze Pleno/ Final identificados nos últimos anos (Alves *et al.* 2010; Rodrigues *et al.* 2012; Valério *et al.* 2012; 2017; Filipe *et al.* 2013), a preferência clara pelas arquitecturas em negativo, escavadas na rocha, que têm aliás, também elas, claros precedentes pré-históricos na região (Valera *et al*. 2014).

Não faltam, por outro lado, exemplos de contiguidade espacial e mesmo de sobreposição entre as necrópoles da I Idade do Ferro e sepulturas do Bronze Pleno, de que o exemplo mais flagrante parece ser o da Quinta do Estácio 6, em Beja (Pereiro, Mataloto e Borges 2017). Nesta necrópole sidérica, o recinto principal implantou-se em torno de um conjunto de hipogeus datados do Bronze Pleno, que foram de resto respeitados aquando da abertura da sepultura central do mesmo (*idem*, 315 e fig. 3).

Não é contudo este o contexto para analisar em profundidade as características e significado destas evidências de apropriação e reinvenção do passado por parte das comunidades dos inícios da Idade do Ferro do Sul de Portugal. Com efeito, e considerando o tema específico deste contributo, parece mais relevante tecer algumas breves reflexões exploratórias sobre o possível papel da escrita no contexto destas estratégias de construção, manutenção e manipulação da memória colectiva das comunidades em apreço.

Naturalmente, numa perspectiva elementar, parece claro que o desenvolvimento da Escrita do Sudoeste e a sua introdução no Sul do actual território português abre novas possibilidades de registar e transmitir essa memória. O contexto ao que tudo indica predominantemente funerário da epigrafia em Escrita do Sudoeste do interior algarvio e alentejano sugere em particular um interesse em preservar e transmitir a memória de membros destacados da comunidade, possivelmente como forma de sustentar narrativas genealógicas que conferem coesão e legitimidade ao grupo e/ou às linhagens que o compõem.

No entanto, e para lá da questão dos conteúdos específicos dos textos, que não sabemos ainda avaliar de forma segura, caberia aqui levantar a questão das origens dos usos particulares da escrita no interior Sul português acima referidos. Um possível referente para esses usos poderá naturalmente ter sido a epigrafia funerária em língua e escrita fenícia (de Hoz 2010, 480, *passim*), que hoje, graças à descoberta da já célebre lápide funerária de Lisboa (Neto *et al*. 2016) (fig. 2, B), sabemos ter-se também desenvolvido no Extremo Ocidente peninsular.

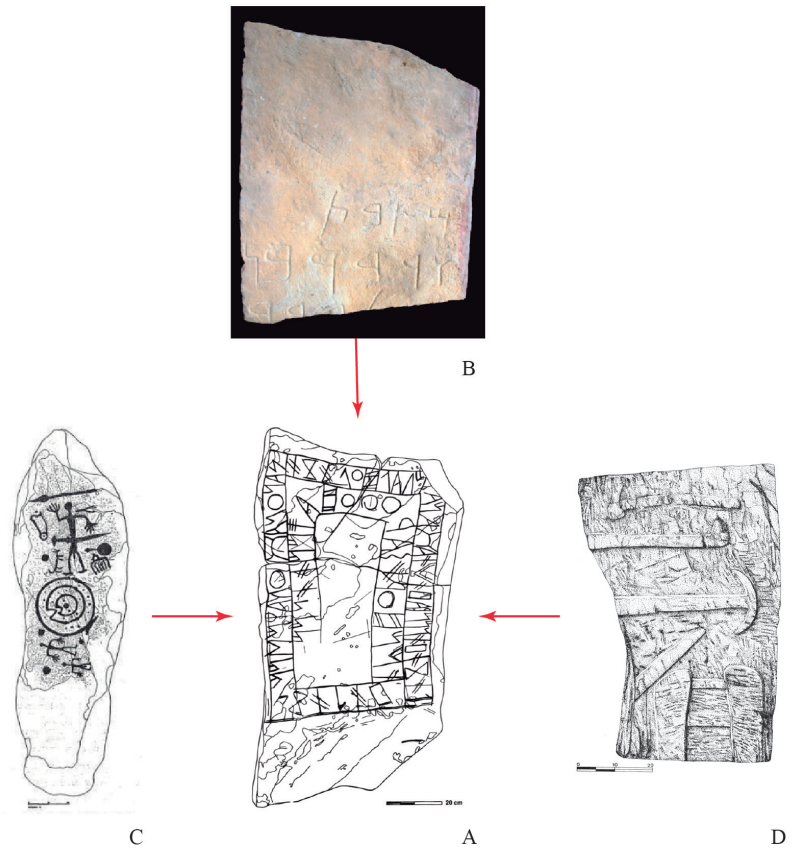

Fig. 2. Os possíveis "modelos" da prática da epigrafia lapidar sidérica do Sul de Portugal: A. Estela VI da Fonte Velha de Bensafrim, Lagos (seg. Correia 1995-1997); B. Estela funerária fenícia de Lisboa (seg. Neto *et al*. 2016); C. "Estela de Guerreiro" de Ervidel 2, Aljustrel (seg. Gomes e Monteiro 1977); D. "Estela Alentejana" de Ervidel 1, Aljustrel (seg. Gomes e Monteiro 1977).

Encarando contudo estes usos particulares numa óptica de (re)valorização do passado, podemos igualmente considerar outros referentes possíveis. Entre estes, e como já foi assinalado nalgumas ocasiões (Celestino Pérez 2001, 287, *passim*; de Hoz 2010, 480, *passim*; Valério 2016, 143-145), caberia considerar as chamadas "Estelas de Guerreiro" do Bronze Final (fig. 2, C) (Galán Domingo 1993; Celestino Pérez 2001; Harrison 2004; Díaz-Guardamino Uribe 2010: 327-414), que têm no Baixo Alentejo e no Algarve algumas das suas manifestações mais ocidentais (Gomes e Monteiro 1977; Celestino Pérez 2001, nn. 87 e 89; Díaz-Guardamino Uribe 2010: nn. 298 e 304).

A existência na Extremadura espanhola de pelo menos dois exemplos de "Estelas de Guerreiro" às quais foram acrescentadas inscrições em Escrita do Sudoeste — concretamente as estelas de Majada Honda e Capote, Badajoz (Díaz-Guardamino Uribe 2010, fig. 215) (fig. 3) — estabelece de facto um nexo de ligação interessante entre as estelas do Bronze Final e as da I Idade do Ferro. Estes exemplos bem poderiam representar um processo de transição entre um regime mnemónico assente na imagem e um outro centrado na escrita, ou corresponder simplesmente a uma prática de "inscrição" (*sensu* Connerton 1989, 73) de novas memórias e novos significados sobre elementos marcantes no território e na paisagem cognitiva das comunidades regionais.

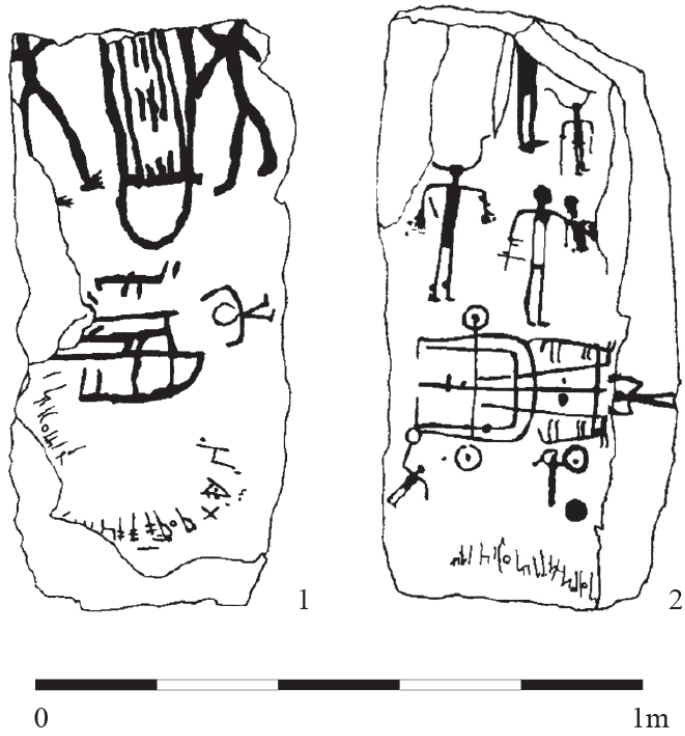

Fig. 3. "Estelas de Guerreiro" do Bronze Final de Majada Honda (1.) e Capote (2.), Badajoz, sobre as quais se realizaram inscrições em Escrita do Sudoeste (seg. Díaz-Guardamino Uribe 2010).

Esta mesma prática de "inscrição" pode aliás paralelizar-se com certos exemplos nos quais a escrita foi usada para sinalizar e enquadrar realidades pré-históricas na memória e nas narrativas sobre o passado das comunidades sidéricas do Sudoeste peninsular. A este nível, o exemplo mais claro provém

uma vez mais da Extremadura, concretamente da *tholos* do Cerro de la Barca, em Valdecaballeros, Badajoz, em cujo interior se identificou uma inscrição em Escrita do Sudoeste realizada sobre um dos ortóstatos do monumento pré-histórico (Rubio Andrada e Pastor González 2003).

No Sul de Portugal não se conhece claramente nenhuma situação análoga à da *tholos* pacense, mas, e apesar de problemáticas, não podem deixar de se recordar as vagas mas sugestivas referências de Sebastião Estácio da Veiga a uma inscrição em caracteres do Sudoeste que teria identificado num dos menires da Cumeada, em Silves (Veiga 2005 [1891], 287), hoje desaparecido, ou o caso da possível inscrição pré-romana realizada sobre uma placa de xisto pré-histórica da Anta Grande do Zambujeiro, em Évora (Gonçalves *et al*. 2003).

Voltando contudo à questão das eventuais relações entre as "Estelas de Guerreiro" do Bronze Final e as estelas epigrafadas da Idade do Ferro, caberia também recordar, como um outro nexo possível, a reaparição em pelo menos duas epígrafes consideradas tardias de representações iconográficas de guerreiros (*cf*. Guerra 2017). O caso mais conhecido e comentado é, sem dúvida, o do "guerreiro" da estela da Abóbada I, em Almodôvar (Dias e Coelho 1971; *cf*. tb. Beirão 1986, n. 48; Correia 1996, n. 48), que foi já englobado nalguma ocasião na tradição das "Estelas de Guerreiro" propriamente ditas (Celestino Pérez 2001, n. 88), a que se soma o "cavaleiro" da estela de Benaciate II, em Silves (Beirão 1986, n. 50; Correia 1996, n. 50) (fig. 4).

Fig. 4. Representações antropomórficas das estelas da Abóbada I, Almodôvar (esq.), e de Benaciate II, Silves (dir.) (seg. Guerra 2017).

Estas duas peças, pela sua excepcionalidade no conjunto da epigrafia lapidar sidérica do Sudoeste peninsular, merecem aqui um breve excurso. Com

efeito, as representações que ostentam, evocativas, como se disse, das "Estelas de Guerreiro" do Bronze Final (sobretudo no caso da Abóbada), constituem em certa medida uma anomalia no registo iconográfico da I Idade do Ferro regional, notavelmente avessa à representação de figuras antropomórficas (*v*. Gomes 2019, com bibliografia).

A presença destas figuras poderia assim resultar do carácter relativamente tardio destas estelas. O contexto de achado do exemplar da Abóbada certamente sugere uma cronologia avançada (Dias e Coelho 1971), que as recentes escavações realizadas naquela necrópole não desmentem (Barros, Melro e Gonçalves 2013). O cavaleiro de Benaciate, em contrapartida, remete para uma ideologia equestre que, no estado actual dos nossos conhecimentos, não parece afirmar-se no Sudoeste peninsular antes do século V a.n.e. (Almagro-Gorbea 2005, 164), o que permite igualmente situar esta estela numa fase comparativamente avançada da tradição epigráfica regional.

Assim, é possível pensar que estas duas estelas figuradas constituam o reflexo de processos de transformação ideológica que acabarão por dar lugar a uma nova e profunda transformação sociopolítica à escala regional, coincidente com a transição para a II Idade do Ferro. Esta hipótese justificaria o regresso a referentes iconográficos que tinham em boa medida caído em desuso (ainda que não necessariamente no esquecimento) durante as etapas iniciais da Idade do Ferro regional.

Assim, estes dois exemplares, além de estabelecerem um nexo de ligação adicional entre as estelas epigrafadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal e as "Estelas de Guerreiro" do período precedente, parecem ilustrar também um curioso refluxo ao nível dos referentes e das narrativas sobre o passado, que poderá coincidir com o período de progressivo esgotamento das soluções sociopolíticas próprias da I Idade do Ferro regional e com a emergência de novas estruturas sociais, políticas e ideológicas (Almagro-Gorbea 1996).

Apesar de todas estas considerações, a hipótese de uma relação directa entre as estelas epigrafadas da Idade do Ferro e as "Estelas de Guerreiro" do Bronze Final depara-se com algumas limitações, incluindo a escassa sobreposição geográfica entre ambas as manifestações (Brandherm 2016, 202). A existência de um nexo forte entre ambas não é igualmente consistente com a imagem de uma elisão da memória do Bronze Final em favor da construção de uma memória ancorada em referentes do Bronze Pleno e/ou pré-históricos, sugerida pelos aspectos do registo funerário acima comentados.

Nesse sentido, e como bem têm assinalado outros investigadores (Correia 2014, 79; Brandherm 2016, 202-203), caberia valorizar um terceiro referente possível para a particular tradição epigráfica de parte das comunidades sidéricas do Sul de Portugal, concretamente a tradição das chamadas "Estelas Alentejanas" do Bronze Pleno (fig. 2, D) (Gomes e Monteiro 1977; Gomes 2006; Díaz-Guardamino Uribe 2010, 293-326).

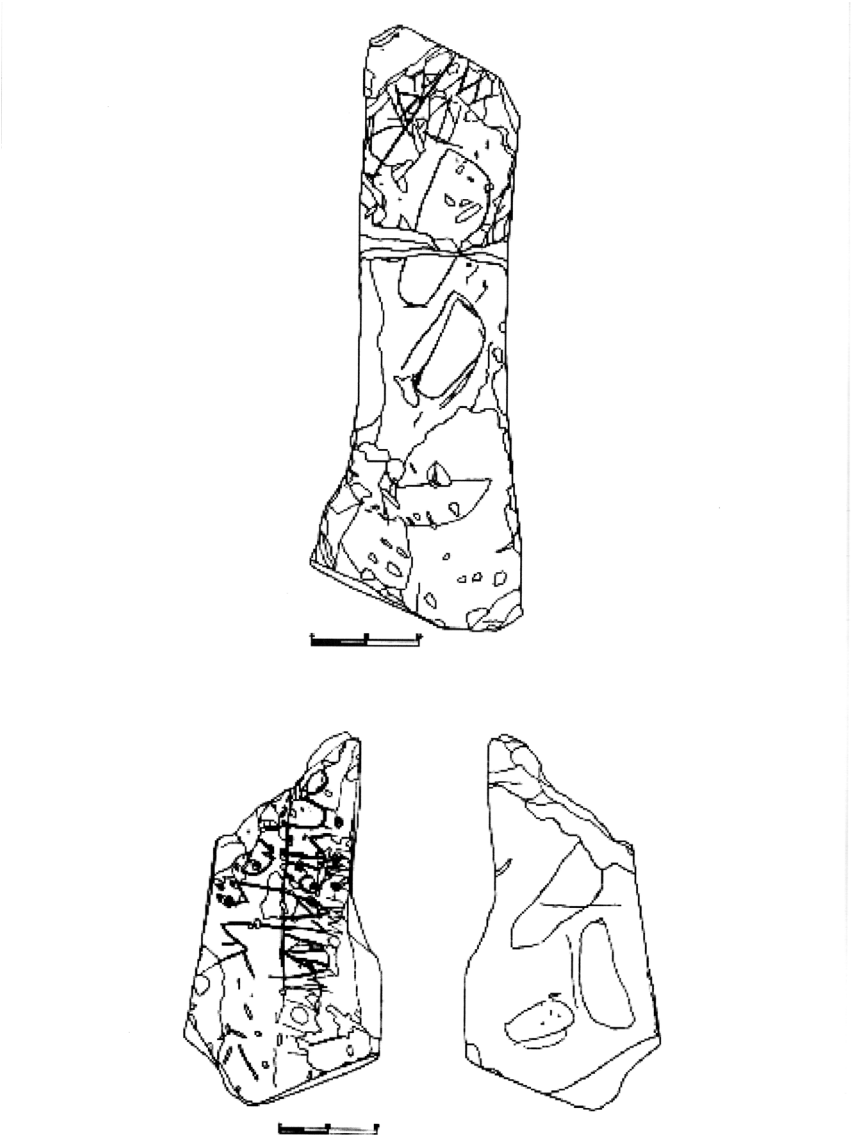

Fig. 5. Estelas epigráficas de Pardieiro II e III, Odemira, com representações de "podomorfos" (seg. Beirão 1990).

Com efeito, e embora não pareça possível sustentar a visão por vezes avançada de que as estelas epigráficas da Idade do Ferro sucedem às "Estelas Alentejanas" sem solução de continuidade (Correia 2014, 79), hipótese que o quadro cronológico hoje conhecido não parece consentir, a existência de uma apropriação e adaptação daquele tipo de manifestações parece, no mínimo, muito plausível. A sua distribuição geográfica, que se sobrepõe claramente à dos monumentos epigráficos sidéricos (Brandherm 2016, 202), confere efectivamente verosimilitude a esta hipótese, que é por outro lado perfeitamente consentânea com a dinâmica de revisitação e reinvenção dos modelos funerários do Bronze Pleno anteriormente comentada (Correia 2014, 79; Brandherm 2016, 202-203).

Existem ainda outros dados concretos que poderiam suportar uma relação relativamente directa entre as "Estelas Alentejanas" do Bronze Pleno e as estelas epigrafadas sidéricas. Desde logo, conhece-se pelo menos uma situação em que peças de ambos os tipos foram recolhidas, ao que tudo indica, no mesmo sítio, concretamente na área da Fonte Velha de Bensafrim, onde, além de uma nutrida colecção de epígrafes da I Idade do Ferro associada à importante necrópole de cistas ali documentada (Correia 1995-1997), se recolheu igualmente uma putativa "Estela Alentejana", infelizmente muito mal preservada (Díaz-Guardamino Uribe 2010, n. 211).

Um outro nexo possível entre ambos os grupos de estelas prende-se com a presença de motivos iconográficos do tipo conhecido como "podomorfo". Este tipo de motivos, muito frequente na arte rupestre da fachada atlântica peninsular (*v*. Gomes 2010, 233-250; Moreira 2018), é relativamente raro no Sul de Portugal. Por essa razão, parece particularmente sugestivo que este tipo de motivos surja justamente representado em duas "Estelas Alentejanas", de Ervidel 1, Aljustrel (Gomes e Monteiro 1977; *cf*. tb. Díaz-Guardamino Uribe 2010, n. 215), e de Gomes Aires, Almodôvar (Ribeiro 1965; *cf*. tb. Díaz-Guardamino Uribe 2010, n. 220), e, novamente, nas estelas epigráficas II e III da necrópole da I Idade do Ferro do Pardieiro, em Odemira (Beirão 1990; *cf*. tb. Correia 1996, nn. 68-69) (fig. 5).

Em face do anteriormente exposto, parece portanto possível pensar que, no contexto da I Idade do Ferro, a escrita, enquanto tecnologia mais ou menos arcana e, na sua origem, forânea, pode bem ter servido uma função ideológica comparável à dos elementos de prestígio — alguns dos quais também eles exóticos — representados tanto nas estelas do Bronze Pleno como nas do Bronze Final (Valério 2016, 145).

No entanto, e em face do contexto global no qual a eclosão e desenvolvimento da epigrafia lapidar sidérica do Sul português aparentemente se produz, o papel da escrita não parece esgotar-se unicamente no seu papel como elemento de prestígio *per se*, imbricando-se pelo contrário numa complexa malha de discursos e narrativas sobre o passado das comunidades locais no contexto das quais ganha um sentido acrescido, como parte de um programa memorial específico e como suporte de um novo regime mnemónico que substitui a imagem pela palavra.

O papel da escrita nos regimes e práticas mnemónicas das comunidades do interior Sul português durante a I Idade do Ferro não parece de resto ter-se limitado a esta função constitutiva. Pelo contrário, existem certas evidências de que a escrita, e concretamente a epigrafia lapidar que representa a sua mais expressiva manifestação nesta região, se incorporou também em processos dinâmicos de memória e esquecimento.

Quiçá o aspecto mais visível desses processos, que infelizmente são ainda difíceis de analisar e restituir, seja a prática da amortização e reutilização de estelas epigrafadas na construção de novas estruturas sepulcrais. Originalmente documentada por Sebastião Estácio da Veiga na Fonte Velha de Bensafrim (Veiga 2005 [1891], 253), a mesma situação foi igualmente observada numa série de outros contextos (*v*. Vilhena 2008, 376 e fig. 1).

Em face destas ocorrências, poderia certamente pensar-se, com J. de Hoz, num "...doble empleo, como monumento visible y como fórmula de poder integrada en la tumba" (de Hoz 2010, 359). No entanto, a existência de uma prática mais ou menos sistemática de amortização de lápides epigrafadas e de reutilização das mesmas no âmbito muito específico da construção de novas sepulturas, tomando sempre, ao que parece, o cuidado de ocultar a face inscrita, pode também analisar-se desde o ponto de vista das estratégias e regimes de memória.

É certo que, numa abordagem mais funcional, a amortização destes monumentos epigráficos se pode encarar como um sinal de lutas pela hegemonia dentro do grupo e da substituição de determinados elementos por outros na paisagem e na memória social mais imediata da comunidade numa lógica de suplantação, e portanto, em certa medida, de ruptura. No entanto, e como alternativa, esta prática bem poderia integrar-se no complexo de procedimentos mnemónicos que Richard Bradley descreve como "*remembering by forgeting*" (Bradley 2002, 42-44; *cf*. tb. Küchler 1999).

Com efeito, é também possível entendê-los como parte de práticas cíclicas de renovação da memória genealógica (*sensu* Gosden e Lock 1998, 5) do grupo, e que implicariam a absorção da memória dos antepassados em novos contextos conotados com os seus descendentes. Estas práticas bem poderiam classificar-se como uma fórmula de "gestão do esquecimento", assegurando o prolongamento da memória de antepassados crescentemente distantes no tempo através da sua assimilação no contexto de novos monumentos — isto é, novos suportes mnemónicos —, contribuindo assim para a sedimentação da memória colectiva de cada linhagem e de cada comunidade.

Naturalmente, muito mais haveria a dizer sobre o papel da memória e das narrativas sobre o passado na estruturação social, política e identitária das comunidades da I Idade do Ferro do Sul de Portugal. O próprio esboço de leitura do lugar da escrita na construção dessa memória e dessas narrativas que acima se procurou realizar deixa ainda muitas questões em aberto, que caberia continuar a investigar num futuro que se deseja próximo.

Ainda assim, espera-se que o presente trabalho, que constitui mais um ponto de partida do que de chegada, possa contribuir para o reconhecimento da diversidade e riqueza do contexto histórico no qual a epigrafia lapidar da I Idade do Ferro do interior Sul português foi produzida, mas também para incentivar a exploração continuada do contexto cultural e ideológico desta epigrafia e, sobretudo, para ilustrar as vantagens de manter vivo e aberto o diálogo entre arqueólogos, epigrafistas e linguistas, que a organização do XIII Colóquio sobre Línguas e Culturas Paleohispânicas tão avisadamente soube plasmar no programa dessa reunião.

B I B L I O G R A F I A

Albergaria e Melo 2013: J. Albergaria e S. Melro, *Ocupação Proto-Histórica na margem esquerda do Guadiana*, Beja 2013.

Almagro-Gorbea 1996: M. Almagro-Gorbea, *Ideología y Poder en Tartessos y el mundo Ibérico*, Madrid 1996.

Almagro-Gorbea 2004: M. Almagro-Gorbea, "Inscripciones y grafitos tartésicos de la necrópolis orientalizante de Medellín", *PalHisp* 4, 2004, 13-44.

Almagro-Gorbea 2005: M. Almagro-Gorbea, "Ideología ecuestre en la Hispania prerromana", *Gladius* XXV, 2005, 151-186.

Almagro-Gorbea 2008a: M. Almagro-Gorbea, *La necrópolis de Medellín. I. La excavación y sus hallazgos*, Madrid 2008.

Almagro-Gorbea 2008b: M. Almagro-Gorbea, *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los hallazgos*, Madrid 2008.

Alves *et al*. 2010: C. Alves, S. Estrela, C. Costeira, E. Porfírio, M. Serra, A. M. Soares e M. Moreno-García, "Hipogeos Funerarios del Bronce Pleno en Torre Velha 3 (Serpa, Portugal)", *Zephyrus* 66, 2010, 133-153.

Antunes *et al*. 2017: A. S. Antunes, M. de Deus, S. Estrela, J. Larrazábal Galarva, A. M. M. Soares e R. Salvador Mateos, "Monte do Bolor 3, Monte do Pombal 2, Salsa 3 e Torre Velha 3: contextos de planície da I ldade do Ferro do Alentejo Interior", em: J. Jiménez Ávila (coord.), Sidereum Ana *III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida 2017, 159-185.

Arruda 1999-2000: A. M. Arruda, *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*, Barcelona 1999-2000.

Arruda 2001: A. M. Arruda, "A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo", *RPortA* 4(2), 2001, 207-291.

Arruda 2005a: A. M. Arruda, "O Iº Milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século", *APort* IV:23, 2005, 9-156.

Arruda 2005b: A. M. Arruda, "Orientalizante e Pós-Orientalizante no Sudoeste Peninsular. Geografias e Cronologias", em: S. Celestino Pérez e J. Jiménez Ávila (coords.), *El Período Orientalizante*, Madrid 2005, 277-304.

Arruda *et al*. 2017a: A. M. Arruda, R. Barbosa, F. B. Gomes e E. de Sousa, "La necrópole de Vinha das Caliças 4 (Trigaches, Beja, Portugal) et le monde funéraire de l'Âge du Fer à l'intérieur sud du Portugal", em: S. Adroit e R. Graells (eds.), *Architectures funéraires et mémoire: la gestion des nécropoles en Europe occidentale (Xe-IIIe siècles av. J.-C.)*, Venosa 2017, 95-107.

Arruda *et al*. 2017b: A. M. Arruda, R. Barbosa, F. B. Gomes e E. de Sousa, "A necrópole da Vinha das Caliças (Beja, Portugal)", em: J. Jiménez Ávila (coord.), Sidereum Ana *III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida 2017, 187-225.

Arruda e Cardoso 2015: A. M. Arruda e J. L. Cardoso, "A necrópole da Idade do Ferro do Vale da Palha (Calhariz, Sesimbra)", *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 22, 2015, 301-314.

Arruda, Covaneiro e Cavaco 2008: A. M. Arruda, J. Covaneiro e S. Cavaco, "A Necrópole da Idade do Ferro do Convento da Graça, Tavira", *Xelb* 8, 2008, 117-135.

Bargão e Fernandes 2017: P. Bargão e D. Fernandes, "A necrópole de Pisões (Beja)", em: J. Jiménez Ávila (coord.), Sidereum Ana *III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida 2017, 407-419.

Barros 2008: P. Barros, "Mértola durante os séculos VI e V a.C.", em: J. Jiménez Ávila (coord.), Sidereum Ana *I: El río Guadiana en Época Post-Orientalizante*. Madrid 2008, 399-414.

Barros *et al*. 2005: P. Barros, G. Branco, C. Duarte e J. Correia, "A cista dos Gregórios (Silves)", *Xelb* 5, 2005, 41-52.

Barros, Melro e Gonçalves 2013: P. Barros, S. Melro e D. Gonçalves, "A necrópole da Idade do Ferro da Abóbada (Almodóvar)", em: J. Jiménez Ávila, M. Bustamante Álvarez, M. García Cabezas (eds.), *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Villafranca de los Barrios 2013, 1157-1178.

Beirão 1986: C. de M. Beirão, *Une Civilisation Protohistorique du Sud du Portugal (I^er^ Âge du Fer)*, Paris 1986.

Beirão 1990: C. de M. Beirão, " Novos dados arqueológicos sobre a epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica", em: F. Villar e J. Untermann (eds.), *V CLCP*, Salamanca 1990, 683-696.

Beirão e Gomes 1980: C. de M. Beirão e M. V. Gomes, *A I Idade do Ferro no Sul de Portugal. Epigrafia e Cultura*, Lisboa 1980.

Beirão e Gomes 1985: C. de M. Beirão e M. V. Gomes, "Grafitos da Idade do Ferro do Centro e Sul de Portugal", em: J. de Hoz (coord.), *III CLCP*, Salamanca 1985, 465-502.

Beirão, Gomes e Monteiro 1979: C. de M. Beirão, M. V. Gomes e J. P. Monteiro, *As Estelas Epigrafadas da I Idade do Ferro do Sul de Portugal*, Setúbal 1979.

Belén, Escacena e Bozzino 1991: M.ª Belén, J. L. Escacena e M.ª I. Bozzino, "El mundo funerario del Bronce Final en la fachada atlántica de la Península Ibérica. I. Análisis de la documentación", *TrabPrehist* 48, 1991, 225-256.

Berrocal-Rangel e Silva 2010: L. Berrocal-Rangel e A. C. Silva, *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007,* Lisboa 2010.

Borić 2010: D. Borić (ed.), *Archaeology and Memory*, Oxford 2010.

Bradley 2002: R. Bradley, *The Past in Prehistoric Societies*, Londres 2002.

Brandherm 2016: D. Brandherm, "Stelae, Funerary Practice, and Group Identities in the Bronze and Iron Ages of SW Iberia: a *moyenne durée* perspective", em: J. T. Koch e B. Cunliffe (eds.), *Celtic from the West 3. Atlantic Europe in the Metal Ages: questions of shared language*, Oxford 2016, 179-218.

Calado e Mataloto 2008: M. Calado e R. Mataloto, "O Post-Orientalizante da Margem Direita do Regolfo do Alqueva (Alentejo Central)", em: J. Jiménez Ávila (coord.), Sidereum Ana *I: El río Guadiana en Época Post-Orientalizante*, Madrid 2008, 185-217.

Calado, Mataloto e Rocha 2007: M. Calado, R. Mataloto e A. Rocha, "Povoamento Proto-Histórico na Margem Direita do Regolfo do Alqueva (Alentejo, Portugal)", em: A. Rodríguez Díaz e I. Pavón Soldevilla (eds.), *Arqueología de la Tierra. Paisajes rurales de la protohistoria peninsular*, Cáceres 2007, 129-179.

Calvo Rodríguez e Simão 2017: E. Calvo Rodríguez e P. Simão, "La Sepultura 38 de Quinta do Castelo 5 (Salvada, Beja): nota preliminar", em: J. Jiménez Ávila (coord.), Sidereum Ana *III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida 2017, 399-405.

Cardoso e Gradim 2006: J. L. Cardoso e A. Gradim, "A Necrópole da Idade do Ferro de Cabeço da Vaca (Alcoutim)", *Xelb* 6, 2006, 203-226.

Cardoso e Gradim 2008a: J. L. Cardoso e A. Gradim, "O núcleo II da necrópole da Idade do Ferro de Cabeço de Vaca (Alcoutim)", *Xelb* 8, 2008, 103-115.

Cardoso e Gradim 2008b: J. L. Cardoso e A. Gradim, "A necrópole de cistas da Idade do Bronze das Soalheironas (Alcoutim). Primeira notícia dos trabalhos realizados e dos resultados obtidos", *Promontoria* 6, 2008, 223-248.

Celestino Pérez 2001: S. Celestino Pérez, *Estelas de guerrero y estelas diademadas: la precolonización y la formación del mundo tartésico*, Barcelona 2001.

Connerton 1989: P. Connerton, *How Societies Remember*, Cambridge 1989.

Correa 2011: J. A. Correa, "La leyenda indígena de las monedas de *Salacia* y el grafito de Abul (Alcácer do Sal, Portugal)", em: J. L. Cardoso e M. Almagro-Gorbea (eds.), Lucius Cornelius Bocchus, *Escritor Lusitano da Idade da Prata da Literatura Latina*, Lisboa/ Madrid 2011, 103-112.

Correia 1993: V. H. Correia, "As necrópoles da Idade do Ferro do Sul de Portugal: arquitectura e rituais", *TrabAntrEtn* 33(3-4), 1993, 351-370.

Correia 1995-1997: V. H. Correia, "A epigrafia pré-latina de Bensafrim", *APort* IV:13-15, 1995-1997, 181-209.

Correia 1996: V. H. Correia, *A Epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica*, Porto 1996.

Correia 2007: V. H. Correia, "Fernão Vaz: Um caso de estudo da paisagem rural do sudoeste no período orientalizante", em A. Rodríguez Díaz e I. Pavón Soldevilla (eds.), *Arqueología de la Tierra. Paisajes rurales de la protohistoria peninsular*, Cáceres 2007, 181-194.

Correia 2014: V. H. Correia, "A Escrita do Sudoeste da Península Ibérica: velhos dados, novas teorias e a sua importância para o estudo das antigas culturas hispânicas", *Portugália* 35, 2014, 77-93.

Costa 1967: J. M. da Costa, "O tesouro Fenício ou Cartaginês do Gaio (Sines)", *Ethnos* 5, 1967, 529-537.

Costa 1972: J. M. da Costa, "O tesouro púnico-tartéssico do Gaio", em: *Actas das II Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa 1972, 97-120.

Costela Muñoz 2017: Y. Costela Muñoz, "La pervivencia de la ideología megalítica durante el II y I milenios a.n.e. Un caso de estudio: el sur de Portugal", *RPortA* 20, 2017, 45-60.

Deus e Correia 2005: M. de Deus e J. Correia, "Corte Margarida. Mais uma necrópole orientalizante no Baixo Alentejo", em: S. Celestino Pérez e J. Jiménez Ávila (coords.), *El Período Orientalizante*, Madrid 2005, 615-618.

Dias, Beirão e Coelho 1970: M.ª M. A. Dias, C. de M. Beirão e L. Coelho, "Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo-Alentejo: Ourique. (Notícia preliminar)", *APort* III:4, 1970, 175-219.

Dias e Coelho 1971: M.ª M. A. Dias e L. Coelho, "Notável lápide proto-histórica da Herdade da Abóboda - Almodôvar (primeira notícia)", *APort* III:5, 1971, 181-190.

Dias e Coelho 1983: M.ª M. A. Dias e L. Coelho, "Objectos arqueológicos de um túmulo de incineração da necrópole proto-histórica da herdade da Favela Nova (Ourique)", *APort* IV:1, 1983, 197-205.

Díaz-Guardamino Uribe 2010: M. Díaz-Guardamino Uribe, *Las estelas decoradas en la prehistoria de la Península Ibérica*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Complutense de Madrid. Inédita.

Díaz-Guardamino Uribe *et al*. 2019: M. Díaz-Guardamino Uribe, L. García-Sanjuán, D. Wheatley, J. A. Lozano-Rodríguez, M. A. Rogerio-Candelera e M. Casado-Ariza, "Late Prehistoric Stelae, Persistent Places and Connected Worlds: A Multi-disciplinary Review of the Evidence at Almargen (Lands of Antequera, Spain)", *CambrAJ* 30(1), 69-96.

van Dyke e Alcock 2003: R. M. van Dyke e S. Alcock (eds.), *Archaeologies of Memory*, Londres 2003.

Fabião 2019: C. Fabião, "Estácio da Veiga e a *Carta Archaeologica do Algarve* (1876-1891): o nascimento da moderna arqueologia portuguesa", em: J. Beltrán Fuertes, C. Fabião e B. Mora Serrano (eds.), *La Historia de la Arqueología Hispano-Portuguesa a debate*, Sevilha/Lisboa-Málaga 2019, 79-104.

Figueiredo e Mataloto 2017: M. Figueiredo e R. Mataloto, "Necrópoles rurais sidéricas do Baixo Alentejo setentrional: sociedade e mundo funerário nos Barros de Beja", em: J. Jiménez Ávila (coord.), Sidereum Ana *III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida 2017, 353-398.

Filipe *et al*. 2013: V. Filipe, R. M. Godinho, R. Granja, A. Ribeiro e A. C. Valera, "Bronze Age funerary spaces in Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa, Portugal): the hypogea cemetery", *Zephyrus* LXXI, 2013, 107-129.

Galán Domingo 1993: E. Galán Domingo, *Estelas, Paisaje y Territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Ibérica*, Madrid 1993.

García Sanjuán 2005: L. García Sanjuán, "Las piedras de la memoria: la permanencia del megalitismo en el Suroeste de la Península Ibérica durante el II y I milenios ANE", *SPAL* 62:1, 2005, 85-110.

Gener Basallote *et al*. 2012: J. M.ª Gener Basallote, M.ª A. Navarro García, J. M. Pajuelo Sáez, M. Torres Ortiz e S. Domínguez Bella, "Las crétulas del siglo VIII a. C. de las excavaciones del solar del Cine Cómico (Cádiz)", *MM* 53, 2012, 134-186.

Georgiadis e Gallou 2009: M. Georgiadis e C. Gallou (eds.), *The Past in the Past: The Significance of Memory and Tradition in the Transmission of Culture*, Oxford 2009.

Golosetti 2019: R. Golosetti (ed.), *Mémoires de l'Âge du Fer: Effacer ou réécrire le passé*, Paris 2019.

Gomes 2015a: F. B. Gomes, "O mundo funerário da I Idade do Ferro no Sul do actual território português: notas para uma síntese", *AHist* 66-67, 2015, 47-62.

Gomes 2015b: F. B. Gomes, "The West Writes Back: cultural contact and identity discourses in the Late Bronze Age and Early Iron Age of Southern Portugal", em: A. Babbi, F. Bubenheimer-Erhart, B. Marín-Aguilera, S. Mühl (eds.), *The Mediterranean Mirror. Cultural Contacts in the Mediterranean Sea between 1200 and 750 B.C.*, Mainz 2015, 305-317.

Gomes 2016: F. B. Gomes, *Contactos culturais e discursos identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): uma leitura a partir do registo funerário*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. Inédita.

Gomes 2016-2017: F. B. Gomes, "A evolução dos rituais funerários da Idade do Ferro no Ocidente Peninsular: uma nova proposta de faseamento para a necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)", *APort* V:6/7, 2016-2017, 15-57.

Gomes 2019: F. B. Gomes, "Early Iron Age Terracottas from Southern Portugal: Towards the Definition of a Regional Coroplastic Tradition", *Carnets de l'ACoSt* 19, 2019, s/p.

Gomes e Arruda 2019: F. B. Gomes e A. M. Arruda, "On the edge of history? The Early Iron Age of southern Portugal, between texts and archaeology", *WorldA* 50(5), 764-780.

Gomes 1994: M. V. Gomes, *A Necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no Concelho de Silves*, Silves 1994.

Gomes 2006: M. V. Gomes, "Estelas funerárias da Idade do Bronze Médio do Sudoeste Peninsular — A iconografia do poder", em: *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias*, Lisboa 2006, 47-62.

Gomes 2010: M. V. Gomes, *Arte Rupestre do Vale do Tejo. Um ciclo artístico-cultural pré- e proto-histórico*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Inédita.

Gomes 2015: M. V. Gomes, *The Vale da Telha Necropolis (Aljezur) in the Context of the Southwest Iberian Bronze Age*, Lisboa 2015.

Gomes 2018a: M. V. Gomes, "Epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular — Quebrar o Silêncio", em: J. L. Cardoso e J. das C. Sales (eds.), In Memoriam. *Estudos de Homenagem a António Augusto Tavares*, Lisboa 2018, 110-129.

Gomes 2018b: M. V. Gomes, "A epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste Peninsular. A sua investigação durante o século XX", *Al-Ulya* 20, 25-60.

Gomes *et al*. 1986: M. V. Gomes, R. V. Gomes, C. de M. Beirão e J. L. de Matos, *A necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste peninsular*, Lisboa 1986.

Gomes *et al*. 2002: M. V. Gomes, L. C. Paulo, S. D. Ferreira e J. Ramos, "Sepultura da Idade do Bronze do Sobreiro (Mato Serrão, Lagoa)", *RPortA* 5(2), 2002, 191-218.

Gomes e Monteiro 1977: M. V. Gomes e J. P. Monteiro, "Las estelas decoradas do Pomar (Beja-Portugal). Estudio comparado", *TrabPrehist* 34, 1977, 165-214.

Gonçalves *et al*. 2003: V. S. Gonçalves, A. Pereira, M. Andrade e A. Guerra, "A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora", *APort* IV:21, 2003, 209-244.

Gosden e Lock 1998: C. Gosden e G. Lock, "Prehistoric Histories", *WorldA* 30(1), 1998, 2-12.

Guerra 2007: A. Guerra, "Estácio da Veiga e as perspectivas oitocentistas sobre a escrita do Sudoeste", *Xelb* 7, 2007, 103-114.

Guerra 2013: A. Guerra, "Algumas questões sobre as escritas pré-romanas do Sudoeste Hispânico", *PalHisp* 13, 2013, 323-345.

Guerra 2017: A. Guerra, "Epigrafia e imagem nas estelas epigrafadas do Sudoeste", *Palhisp* 17, 95-113.

Guerra 2018: A. Guerra, "Olhares Setecentistas sobre a Escrita do Sudoeste: Frei Manuel do Cenáculo e o seu entorno", *Anuari de Filologia. Antiqva et Mediaevalia* 8, 2018, 764-781.

Halbwachs 1968 [1950]: M. Halbwachs, *La Mémoire Collective*, Paris 1968[2].

Harrison 2004: R. J. Harrison, *Symbols and Warriors. Images of the European Bronze Age*, Bristol 2004.

Hodos 2010: T. Hodos, "Local and Global Perspectives in the Study of Social and Cultural Identities", em: S. Hales e T. Hodos (eds.), *Material Culture and Social Identities in the Ancient World* 2010, 3-31.

de Hoz 2005: J. de Hoz, "La recepción de la escritura en Hispania como fenómeno orientalizante", em: S. Celestino Pérez e J. Jiménez Ávila (coords.), *El Período Orientalizante*, Madrid 2005, 363-381.

de Hoz 2010: J. de Hoz, *Historia Lingüistica de la Península Ibérica. I. Preliminares y mundo meridional prerromano*, Madrid 2010.

Jiménez Ávila 2002-2003: J. Jiménez Ávila, "Estructuras tumulares en el Suroeste ibérico. En torno al fenómeno tumular en la Protohistoria peninsular", *BAsEspA* 42, 2002-2002, 81-118.

Jiménez Ávila 2008: J. Jiménez Ávila, "Grapas y charnelas de diphroi", em: M. Almagro-Gorbea (dir.), *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los hallazgos*, Madrid 2008, 542-552.

Jiménez Ávila 2017: J. Jiménez Ávila (ed.), Sidereum Ana *III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida 2017.

Küchler 1999: S. Küchler, "The place of memory", em: A. Forty e S. Küchler (eds.), *The Art of Forgeting*, Oxford 1999, 53-73.

Lago 1995: M. Lago, "Alcaria, um Complexo Tipo Atalaia", em: S. O. Jorge (ed.), *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Lisboa 1995, 79.

Langley, Mataloto e Boaventura 2008: M. Langley, R. Mataloto e R. Boaventura, "A necrópole sidérica de Torre de Palma (Monforte, Portugal)", em: J. Jiménez Ávila (coord.), Sidereum Ana *I. El Río Guadiana en Época Post-Orientalizante*, Madrid 2008, 283-303.

Langley *et al*. 2007: M. Langley, R. Mataloto, R. Boaventura e D. Gonçalves, "A ocupação da Idade do Ferro de Torre de Palma: "escavando" nos fundos do Museu Nacional de Arqueologia", *APort* IV:25, 2007, 229-290.

Maia 2003: M.ª Maia, "Fenícios em Tavira", em: AA.VV., *Tavira: Território e Poder*, Lisboa 2003, 57-72.

Mataloto 2004a: R. Mataloto, *Um "monte" da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central*, Lisboa 2004.

Mataloto 2004b: R. Mataloto, "Meio Mundo: o início da Idade do Ferro no cume da Serra d'Ossa", *RPortA* 7(2), 2004, 139-173.

Mataloto 2005: R. Mataloto, "Em busca do Mediterrâneo: a Idade do Ferro no Alentejo Central (Portugal)", em: S. Celestino Pérez e J. Jiménez Ávila (coords.), *El Período Orientalizante*, Madrid 2005, 955-966.

Mataloto 2007: R. Mataloto, "Viver no Campo: a Herdade da Sapatoa (Redondo) e o povoamento rural centro-alentejano em meados do I milénio a.C.", *RPortA* 10(2), 2007, 135-160.

Mataloto, R. 2008: R. Mataloto, "O Pós-Orientalizante que nunca o foi... Uma comunidade camponesa na Herdade da Sapatoa (Redondo, Alentejo Central)", em: J. Jiménez Ávila (ed.), Sidereum Ana *I. El río Guadiana en época post-orientalizante*, Madrid 2008, 219-249.

Mataloto, R. 2009: R. Mataloto, "Através dos campos: arquitectura e sociedade na Idade do Ferro alto alentejana", em: M.ª C. Belarte (ed.), *L'espai domèstic i l'organització de la societat a la protohistòria de la Mediterrània occidental (Ier millenni aC)*, Barcelona 2009, 279- 298.

Mataloto 2010-2011: R. Mataloto, "Os Senhores da Terra: necrópoles e comunidades rurais do território alto alentejano nos séculos VI-V aC, *AHist* 60-61, 2010-2011, 77-100.

Mataloto 2016: R. Mataloto, ""Até parece que és de Beja...": dicotomias Norte-Sul na paisagem funerária do Alentejo Interior, em meados do Iº milénio aC", *Cadernos do Museu da Lucerna* 2, 2016, 98-138.

Mataloto 2017: R. Mataloto, "*In memoriam*. A criação do passado nas necrópoles rurais do Alentejo interior (séc. VI-V a.C.), em: S. Adroit e R. Graells (eds.), *Architectures funéraires et mémoire: la gestion des nécropoles en Europe occidentale (Xe-IIIe siècles av. J.-C.),* Venosa 2017, 109-127.

Miguel *et al*. 2019: L. Miguel, P. Albuquerque, L. S. Evangelista e M. Lourenço, "Trabalhos arqueológicos na necrópole sidérica de Mértola: resultado preliminar das sondagens diagnóstico", *Apontamentos de Arqueologia e Património* 13, 2019, 41-46.

Moreira 2018: J. A. M. Moreira, *Podomorfos na Fachada Ocidental do Noroeste de Portugal, entre os Rios Douro e Minho*. Tese de Mestrado apresentada à Universidade do Minho. Inédita.

Mrozowski e Schmidt 2013: S. A. Mrozowski e P. R. Schmidt, *The Death of Prehistory*, Oxford 2013.

Neto *et al*. 2016: N. M. Neto, P. M. Rebelo, R. Á. Ribeiro, M. Rocha e J. Á. Zamora López, "Uma inscrição lapidar fenícia em Lisboa", *RPortA* 19, 2016, 123-128.

Nuñez Pariente de León 2018: N. Nuñez Pariente de León, "Las varillas de plata de la Tumba del Guerrero de Málaga", em: D. García González, S. López Chamizo e E. García Alfonso (eds.), *La Tumba del Guerrero. Un enterramiento excepcional en la Málaga fenicia del siglo VI a.C.*, Málaga 2018, 231-238.

Pastor González e Rubio Andrada 2003: V. Pastor González e M. Rubio Andrada, "Monumento funerario megalítico de la Barca, Valdecaballero (Badajoz) los grabados y la inscripción del SW", em: *XXXI Coloquios Históricos de Extremadura*, Trujillo 2003, 389-428.

Pereiro, Mataloto e Borges 2017: T. do Pereiro, R. Mataloto e N. Borges, "Alentejo, a Sul de Beja: a necrópole sidérica da Quinta do Estácio 6", em: J. Jiménez Ávila (coord.), Sidereum Ana *III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida 2017, 303-331.

Ribeiro 1965: F. N. Ribeiro, *O Bronze Meridional Português*, Beja 1965.

Rocha 1975 [1896]: A. dos S. Rocha, "A necrópole proto-histórica da Fonte Velha, em Bensafrim", em: *Memórias e Explorações Arqueológicas. Volume 3: Memórias sobre a Antiguidade*, Coimbra 1975, 127-141.

Rocha 2000: L. Rocha, "O alinhamento da Têra, Pavia (Mora): resultados da 1.a campanha (1996)", em: V. S. Gonçalves (dir.), *Muitas Antas, Pouca Gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*, Lisboa 2000, 183-194.

Rocha 2003a: L. Rocha, "O monumento megalítico da I Idade do Ferro do Monte da Tera (Pavia, Mora): sectores 1 e 2", *RPortA* 6(1), 2003, 121-129.

Rocha 2003b: L. Rocha, "O monumento megalítico do Monte da Tera (Pavia, Mora), Sector 2: resultados das últimas escavações", em: V. S. Gonçalves, (dir.), *Muita Gente, Poucas Antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo*, Lisboa 2003, 339-349.

Rodrigues *et al*. 2012: Z. Rodrigues, S. Estrela, C. Alves, E. Porfírio e M. Serra, "Contextos funerários do sítio de Alto Brinches 3 (Serpa): dados antropológicos preliminares", em: *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste*, Almodôvar 2012, 73-83.

Salvador Mateos e Pereira 2012: R. Salvador Mateos e J. A. Pereira, "A "Necrópole" da Carlota (São Brissos, Beja) no contexto cultural da Iª Idade do Ferro no Baixo Alentejo: dados preliminares", em: *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste*, Almodôvar 2012, 317-330.

Salvador Mateos e Pereira 2017: R. Salvador Mateos e J. A. Pereira, "A paisagem funerária a Oeste de Beja no Período Orientalizante: as necrópoles da Carlota (São Brissos) e de Cinco Réis 8 (Santiago Maior)", em: J. Jiménez Ávila (coord.), Sidereum Ana *III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida 2017, 333-352.

Santos *et al.* 2017: F. Santos, A. S. Antunes, M. de Deus e C. Grilo, "A necrópole de Palhais (Beringel, Beja)", em: J. Jiménez Ávila (coord.), Sidereum Ana *III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida 2017, 227-262.

Santos *et al*. 2009: F. Santos, A. S. Antunes, C. Grilo e M. de Deus, "A necrópole da I Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo-Alentejo", em: *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*, Huelva 2009, 746-804.

Santos, Soares e Silva 1979: M. F. dos Santos, J. Soares e C. T. da Silva, "A necrópole da Idade do Bronze da Provença (Sines, Portugal): nota preliminar", em: *Actas del XIII Congreso Nacional de Arqueologia*, Zaragoza 1979, 417- 432.

Schubart 1965: H. Schubart, "Atalaia. Uma necrópole da Idade do Bronze no Baixo Alentejo", *ArquivoBeja* 22, 1965, 7-136.

Schubart 1975: H. Schubart, *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel*, Berlim 1975.

Silva e Soares 1979: C. T. da Sila e J. Soares, "O monumento I da necrópole do "Bronze do Sudoeste" do Pessegueiro (Sines)", *SetúbalA* 5, 1979, 121-157.

Silva e Soares 1981: C. T. da Silva e J. Soares, *Pré-História da Área de Sines*, Sines 1981.

Silva e Soares 2009: C. T. da Silva e J. Soares, "Práticas funerárias no Bronze Pleno do Litoral Alentejano: o Monumento II do Pessegueiro", *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 17, 2009, 389-420.

Soares *et al*. 2017: R. M. Soares, L. Baptista, R. Pinheiro, L. Oliveira, Z. Rodrigues e N. Vale (2017), "A necrópole da I Idade do Ferro do Monte do Bolor 1-2 (Sao Brissos, Beja)", em: J. Jiménez Ávila (coord.), Sidereum Ana *III. El Río Guadiana y Tartessos*, Mérida 2017, 263-302.

Souvatzi, Baysal e Souvatzi 2019: S. Souvatzi, A. Baysal e E. L. Baysal (eds.), *Time and History in Prehistory*. Londres 2019.

Torres Ortiz 1999: M. Torres Ortiz, *Sociedad y Mundo Funerário en Tartessos*, Madrid 1999.

Valera *et al*. 2014: A. C. Valera, R. Godinho, E. Calvo, F. J. Moro Berraquero, V. Filipe e H. Santos, "Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa)", em: A. C. Silva, F. T. Regala e M. Martinho (coords.), *4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O Plano de Rega (2002-2010)*, Beja 2014, 55-73.

Valério 2016: M. Valério, "Reflexões sobre a origem e formação da escrita paleo-hispânica do Sudoeste e o seu lugar na História dos sistemas de escrita", *PalHisp* 16, 2016, 115-151.

Valério *et al*. 2012: P. Valério, R. J. Silva, T. R. N. da Ponte, M.ª de F. Araújo e A. M. Soares, "Estudo arqueometalúrgico das dádivas funerárias dos hipogeus do Bronze Pleno do Sudoeste da Horta do Folgão (Serpa, Portugal)", *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 19, 2012, 203-208.

Valério *et al*. 2017: P. Valério, M.ª de F. Araújo, A. M. M. Soares, R. J. C. Silva, L. Baptista e R. Mataloto, "Early Imports in the Late Bronze Age of South-Western Iberia: the bronze ornaments of the hypogea at Monte da Ramada 1 (Southern Portugal)", *Archaeometry* 60:2, 2017, 255-268.

Veiga 2005 [1891]: S. P. M. Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Volume 4, Faro 2005 (edição fac-similada).

Viana, Formosinho e Ferreira 1949: A. Viana, J. Formosinho e O. da V. Ferreira, "Nuevas contribuciones para el conocimiento de la Edad del Bronce del Algarbe: las necrópolis de las Caldas de Monchique", em: *Crónica del I Congreso Arqueológico Nacional*, Cartagena 1949, 88-94.

Viana, Formosinho e Ferreira 1953: A. Viana, J. Formosinho e O. da V. Ferreira, "De lo prerromano a lo árabe en el museo regional de Lagos", *AEspA* 26, 1953, 113-138.

Vilaça 2014: R. Vilaça, "The Faces of Death: from the Bronze to the Iron Age, between the North and the South of the Portuguese territory", em: A. Cruz, E. Cerrillo Cuenca, P. Bueno Ramírez, J. C. Caninas e C. Batata (eds.), *Rendering Death: Ideological and Archaeological Narratives From Recent Prehistory (Iberia)*, Oxford 2014, 125-138.

Vilaça e Cruz 1999: R. Vilaça e D. J. da Cruz, "Práticas funerárias e cultuais dos finais da Idade do Bronze na Beira Alta", *Arqueologia* 24, 1999, 73-99.

Vilhena 2008: J. Vilhena, "As armas e os barões assinalados? Reflexões em torno das necrópoles monumentais do "Ferro de Ourique" (Sul de Portugal)", em: J. Jiménez Ávila (coord.), Sidereum Ana *I: El río Guadiana en Época Post-Orientalizante*, Madrid 2008, 373-397.

Vilhena e Alves 2008: J. Vilhena e L. B. Alves, "Subir à maior altura. Espaços funerários, lugares do quotidiano e 'arte rupestre' no contexto da Idade do Bronze do Médio/Baixo Mira", *Vipasca* 2, 194-218.

Zamora López 2004: J. Á. Zamora López, "Los textos invisibles: la documentación fenicia y la introducción de la escritura en la Península Ibérica", *HuelvaA* 20, 2004, 299-318.

Zamora López 2019: J. Á. Zamora López, "Phoenician epigraphy in the Iberian Peninsula", em: A. G. Sinner e J. Velaza (eds.), *Palaeohispanic Languages and Epigraphies*, Oxford 2019, 56-77.